

8CCENDGEOCOUT01**AGRICULTURA ORGÂNICA E FEIRA AGROECOLÓGICA COMO ESTRATÉGIAS DE COMPLEMENTAÇÃO DE RENDA EM ASSENTAMENTOS RURAIS DA ZONA DA MATA PARAIBANA**

Maria de Fátima Ferreira Rodrigues (3); Cláudia Simoni Velozo da Silva (2); Maria Salomé Lopes Maracajá (2); Luiz Pereira de Sena (5); Flávio de Brito Júnior (5); Cleibson dos Santos Silva (5)

Centro de Ciências Exatas e da Natureza/Departamento de Geociências/Outros

RESUMO

Este trabalho tem como finalidade apresentar resultados parciais resultantes do projeto de extensão “Agricultura orgânica e feira agroecológica como estratégias de complementação de renda em assentamentos rurais da zona da mata paraibana”, desenvolvido com o financiamento do Programa Petrobrás Fome Zero, e tendo como apoio a UFPB, a Comissão Pastoral da Terra - CPT, a Cáritas Nordeste, e o Serviço da Pastoral do Imigrante - SPM. O projeto tem como objetivo precípua fortalecer e ampliar a experiência da agricultura orgânica com a comercialização dos produtos que vem sendo cultivados no Assentamento Apasa; complementar a renda familiar através da venda direta dos produtos agrícolas ao consumidor; e fortalecer proposta de educação do campo tal como propugnam as **Diretrizes Operacionais para Educação Básica do Campo** (CNE/CEB nº1. 3/04/02) o que nos levou a propor algumas ações envolvendo pré-adolescentes e adolescentes nos assentamentos rurais Dona Helena, situado em Cruz do Espírito Santo, Pe Gino Situado em Sapé e Apasa localizado em Pitimbu todos esses municípios integram a Mata Paraibana. O projeto tem como princípio norteador a sustentabilidade sócio-ambiental local, nas bases da agroecologia. Apresenta como objetivos específicos: a) Capacitar agricultores locais no reflorestamento das nascentes com mudas de árvores frutíferas nativas do assentamento e plantação de flores ornamentais para a comercialização em feiras agroecológicas; b) Instalação de 21 minhocários no assentamento Apasa e 18 minhocários no assentamento Dona Helena, para aumentar a produtividade e melhorar a qualidade dos produtos comercializados na feira agroecológica; c) Treinar e capacitar 20 adolescentes de cada assentamento rural como monitores para que se tornem **protetores dos recursos naturais locais** d) Realizar 3 cursos em cada assentamento sobre: uso e manejo dos recursos naturais; técnicas de comercialização da produção dos assentamentos; práticas de manejo de galinha caipira com vistas a melhorar a eficiência dos aspectos reprodutivos, nutricionais e sanitários. Para tanto escolhemos dois assentamentos, um localizado no litoral sul, denominado Apasa, onde são beneficiadas 21 famílias, e o outro localizado na porção oeste do Estado, denominado Dona Helena, que envolve 18 famílias. Dentre os procedimentos metodológicos e técnicos adotados pelo projeto, estão pesquisa bibliográfica e documental, reuniões periódicas com os líderes comunitários dos assentamentos rurais para planejar as atividades didáticas e de manejo; aulas expositivas e seqüenciais; exibição de vídeos. A fundamentação teórica toma como referência conceitos como

¹⁾ Bolsista, ⁽²⁾ Voluntário/colaborador, ⁽³⁾ Orientador/Coordenador, ⁽⁴⁾ Prof. colaborador, ⁽⁵⁾ Técnico colaborador.

“sustentabilidade local”, “agroecologia” e “campeinato” a partir de autores como Sachs (2005), Rodrigues (2007), Lima (2005), Altieri (1998), Rodet (2004), Filho (2002). O projeto encontra-se na fase inicial, os resultados ainda são incipientes mas tem sua expressividade no conjunto de metas estabelecidas, desse modo, o presente artigo traz uma discussão sobre a iniciativa dos camponeses e propõe um debate sobre a produção agroecológica.

Palavras chave: Agroecologia, sustentabilidade, Assentamento

INTRODUÇÃO

Os assentamentos rurais vêm se destacando na Paraíba pela dinamização da economia interna e pela geração de emprego para um elevado número de famílias, pois mesmo com a imensa pobreza que permeia quase sempre a etapa posterior à conquista da terra, conseguem reaver laços familiares e interferir na dinâmica local, sendo fundamentais na compreensão do quadro agrário brasileiro atual. Para auferir tal destaque os atores sociais envolvidos, adotaram a produção agroecológica e a organização de feiras livres, onde através desta seria possível comercializar a produção diretamente aos consumidores, além de ser uma alternativa para melhoria da qualidade de vida de suas famílias, e em contrapartida das famílias que consomem os produtos agroecológicos.

A iniciativa teve seu marco inicial em dezembro de 2002 quando foi iniciada a comercialização de produtos agrícolas agroecológicos. Essa produção toma como princípios a preservação ambiental e o desenvolvimento local sustentável, além de procurar eliminar a figura do atravessador e estabelecer novas relações entre o campo e a cidade, entre produtor e consumidor.

A partir daí a experiência do projeto “feira Agroecológica Paraibana” tem ganhado expressividade na Paraíba, e, conta atualmente com 22 feiras realizadas numa escala geográfica que se estende da Mesorregião da Zona da Mata Paraibana até o Alto Sertão. O projeto foi encabeçado por 25 famílias do assentamento Apasa, localizado no município de Pitimbu e posteriormente 22 famílias do assentamento Dona Helena, localizado em Cruz do Espírito Santo.

Para desenvolver-se o projeto contou com a interação e cooperação de diferentes instituições, ambas com o intuito de promover a melhoria de produtividade, da qualificação dos produtos cultivados e comercializados, e de sua certificação social. Desse modo evidencia-se como apoio inicial a Cáritas Arquidiocesana da Paraíba, a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e o Deputado Estadual Frei Anastácio como genitoras do processo. Segundo Lima (2005) o referido projeto obteve um incentivo inicial de R\$ 5.700 reais, financiado pela Cáritas Arquidiocesana da Paraíba.

As feiras ocorrem semanalmente, na cidade de João Pessoa. Uma realiza-se aos sábados no bairro do Bessa, e é gerida pela Associação dos Agricultores e Agricultoras Agroecológicos do

Litoral Paraibano – ECOSUL; e a outra tem como espaço físico, o Campus I da UFPB, é organizada pela Associação dos Agricultores e Agricultoras Agroecológicos da Várzea Paraibana – Ecovárzea. Fazem parte da feira agroecológica da UFPB, camponeses de quatro assentamentos de reforma agrária e um acampamento. São eles, respectivamente: Dona Helena, localizado no município de Cruz do Espírito Santo-PB; Padre Gino, Rainha dos Anjos e Boa Vista, localizados em Sapé-PB; e o acampamento Ponta de Gramame, localizado no bairro de Valentina, em João Pessoa-PB. A feira realiza-se toda sexta-feira no estacionamento da biblioteca central da UFPB.

Foi com o intuito de revigorar as ações desse projeto, fortalecer a agricultura camponesa, bem como contribuir para o desenvolvimento de tecnologias mais sustentáveis, que respeitem o meio ambiente, que submetemos o projeto de extensão “Agricultura Orgânica e Feira Agroecológica” para ser apreciado pelo “Programa Petrobras Fome Zero: Desenvolvimento com cidadania”, aprovado em 2005. O projeto contempla uma equipe multidisciplinar e foi pensado a partir da troca de saberes, onde o saber dos camponeses, adquirido na convivência familiar a partir de práticas agrícolas é registrado e complementado, através do diálogo com a equipe de estudantes, pesquisadores e técnicos, envolvidos nessa experiência. O trabalho está sendo desenvolvido em consonância com a proposta formulada pelos agricultores e técnicos da Comissão Pastoral da Terra – CPT e o acompanhamento é realizado desde o processo produtivo, estendendo-se à comercialização. Tendo sempre em vista que a experiência da Feira Agroecológica se realiza a partir da existência de um excedente de produção por parte dos assentados, sendo toda produção levada à feira vendida rapidamente, vê-se a necessidade de ampliação desta produção o que demanda uma melhor eficiência produtiva, associada à implantação de técnicas adequadas de manejo do solo, para os diversos usos agrícolas, o que respalda a iniciativa da feira e do projeto.

METODOLOGIA

Dentre os procedimentos metodológicos e técnicos adotados no Projeto, estão reuniões periódicas com os líderes comunitários dos assentamentos rurais para tratar das questões relevantes ao prosseguimento das atividades.

Será oferecido curso de capacitação para 20 adolescentes de cada assentamento (Apasa e Dona Helena); cada um desses adolescentes receberá uma bolsa no valor de R\$ 50,00 reais. O curso tem como meta criar mecanismos de preservação das nascentes existentes na área. Os conhecimentos a serem trabalhados serão abordados em aulas semanais ministrados pela equipe do Projeto em módulos teóricos e práticos tendo como suporte material didático (textos, cartilhas) e como metodologia aulas expositivas, oficinas e dinâmicas que ocorrerão nas escolas dos assentamentos. Além desse curso está previsto o curso sobre Manejo dos Recursos Naturais, e Técnicas de Comercialização da Produção dos Assentamentos, oferecido aos participantes das feiras. Dentro do curso Manejo dos Recursos Naturais está previsto a

construção de trinta e nove minhocários e um viveiro de mudas, a fim de oferecer suporte a produção e ao reflorestamento. As aulas expositivas para os adolescentes e para os agricultores, serão ministradas em duas salas de aulas instaladas nas escolas dos assentamentos, com apoio de equipamentos solicitados e adquiridos junto aos parceiros e pelo projeto.

Dentre as principais funções da equipe técnica estão: (a) ministrar aulas de proteção ambiental nos assentamentos; (b) treinar e capacitar adolescentes como agentes protetores dos recursos naturais; (c) desenvolver material didático-pedagógico para uso em salas de aula; (d) ministrar cursos de uso e manejo dos recursos naturais; técnicas de comercialização da produção dos assentamentos; e beneficiamento e processamento de alimentos, frutas e seus derivados e introdução de embalagens padronizadas; e (e) capacitar agricultores dos dois assentamentos para o reflorestamento e iniciá-los na venda de flores ornamentais e mudas de árvores frutíferas em feiras agroecológicas da região.

O projeto conta com a atuação de dois técnicos agrícolas: Flávio de Brito Júnior que atua no assentamento Apasa e o Cleibson dos Santos Silva, que atua no assentamento Dona Helena, ambos bolsistas do projeto.

Assim, o eixo central desta experiência é o fortalecimento das práticas em andamento e o seu aprimoramento através da realização de cursos de capacitação, da assistência técnica continuada, das assessorias nas parcelas, da troca de saberes em atividades conjuntas envolvendo homens e mulheres e da introdução de novas tecnologias sociais apropriadas como: desenvolvimento da pequena irrigação localizada, incentivo a implantação de cinturões de proteção natural que consistem na utilização da vegetação nativa como “cercas vivas” evitando a invasão de pragas (insetos) na plantação.

RESULTADOS

A crescente contaminação do solo, das águas e das plantas em razão da utilização abusiva dos fertilizantes químicos e dos agrotóxicos e o despertar da consciência ecológica por parte dos consumidores e de produtores rurais preocupados com a qualidade de vida, têm motivado a implantação de técnicas voltadas à conservação e preservação do meio ambiente. No conjunto dessas técnicas que marcam a produção agroecológica destacam-se: o composto orgânico¹, plantas companheiras, controle biológico, minhocultura, biofertilizantes², dentre outros. Nessas técnicas adotadas o manejo adequado do solo é fundamental o que nos leva a concordar com (Fornari, 2002 pág. 13) que:

Devemos encarar a terra como um mundo complexo e integrado onde devem viver em equilíbrio um número incalculável de microscópios

¹ - É o resultado da fermentação e decomposição de matéria orgânica pro meios aeróbicos, isto é, na presença de oxigênio (Fornari, pág. 29)

² - Nome dado ao efluente do biodigestor, o subproduto da produção do gás metano o biogás.

animais e vegetais, que garantem a perfeita fertilidade do solo e a sanidade das plantas. A Terra deve ser considerada em seus aspectos físicos, químicos e biológicos, procurando promover, proteger e conservar a harmonia entre estas três partes.

Os adubos químicos em geral são hidrossolúveis e embora produzam a curto prazo uma resposta positiva em termos de produtividade e melhor aparência dos produtos, esses chegam ao mercado com um maior tamanho, embora sejam menos saborosos, mais pobres em vitaminas e sais e impregnados de resíduos venenosos (Fornari, pág. 13).

Conscientes desses males ocasionados através do uso da agricultura convencional, e contrários a essas técnicas os camponeses dos assentamentos em questão adotam a agroecologia como filosofia para a sua produção agrícola. A produção é baseada no uso de esterco de animais, rotação de culturas, adubação verde, compostagem e controle biológico de pragas e doenças, etc. Esse sistema de produção busca manter a estrutura e produtividade do solo, operando em harmonia com a natureza e excluindo o uso de fertilizantes sintéticos de alta solubilidade, herbicidas e agrotóxicos, reguladores de crescimento e aditivos para a alimentação animal, compostos sinteticamente.

A produção agroecológica e as feiras representam uma estratégia que objetiva além da conservação dos recursos naturais, através da produção de alimentos orgânicos, a melhoria na qualidade de vida, tanto do produtor quanto do consumidor que adquire esse tipo de produto. Semanalmente os camponeses recebem assistência técnica dos técnicos agrícolas: Flávio Júnior de Brito e Luiz Pereira de Sena, e contam também com o acompanhamento de um coordenador que é atualmente o Luiz João da Silva (Folha) para a feirinha do Bessa e Antônio Batista para a feira da UFPB.

Segundo dados do técnico Luiz Sena durante cada feira são comercializados em média 8 mil quilos de alimentos, e os agricultores oferecem em média 80 tipos de produtos distribuídos entre frutas, tubérculos, vegetais, remédios caseiros, ervas medicinais, comidas típicas, mel, polpa de frutas e artesanatos confeccionados em fibra de coco. (Fotos 1, 2, 3).



Foto 1 – Feira da UFPB. Autoria: Gestar



Foto 2 – Artesanato em fibra de coco.



Foto 3: Comercialização na feira do Bessa. Autoria: Gestar

A partir da sua primeira realização, ocorrida em 18 de novembro de 2001, a Feira Agroecológica tem sido acompanhada pelos técnicos, colaboradores e coordenadores que ao seu final realizam um registro semanal (histórico) sobre a receita bruta, o fundo de feira de 5% e as despesas decorrentes de cada semana.

Os dados sobre comercialização apresentados no momento, são referentes à feirinha do Bessa. O gráfico I foi elaborado para sistematizar os valores da renda da feira entre dezembro de 2002 a abril de 2006. De acordo com o gráfico podemos observar que o ano de 2003 foi o mais lucrativo nesse processo, e que em 2004 houve um significativo declínio, no entanto já em 2005 ocorreu um relativo aumento dos produtos e do ganho monetário. Esse declínio deu-se em decorrência de vários fatores, dentre eles destacamos: a mudança de localização da feira que anteriormente era realizada na Avenida Presidente Nilo Pesanha, e atualmente encontra-se na Avenida Governador Argemiro Figueiredo, e a diminuta oferta de hortaliças no local de comercialização ocasionada por fatores climáticos relacionados com a estiagem. Avaliamos que também contribuiu para uma queda nas vendas a mudança do local da feira ocasionou uma diminuição no número de freqüentadores da mesma.

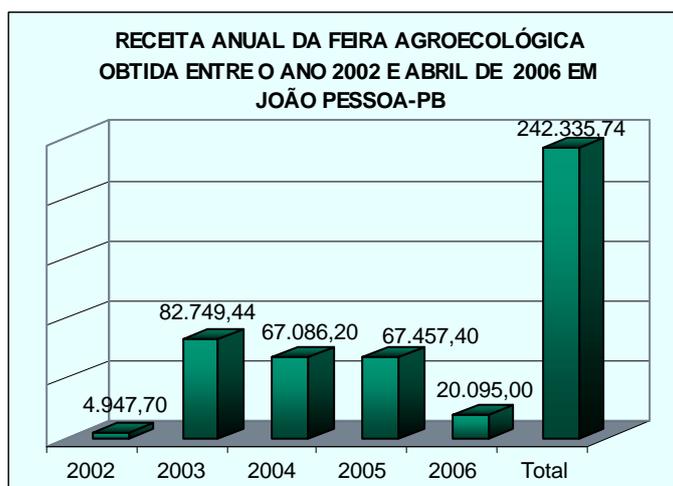


Gráfico I: Receita anual da feira agroecológica obtida entre 2002 e abril de 2006. Fonte: Relatório técnico da CPT.

A mudança do local da feira foi resultante de um desentendimento entre os produtores, na medida em que houve resistência por parte de alguns deles em produzir dentro dos princípios da agroecologia. Sobre esse tema os organizadores da feira e os camponeses, adotaram alguns critérios que fundamentam a escolha da agroecologia e que estão dispostos no parágrafo 16º do Regimento Interno da Feira Agroecológica do Litoral Sul – PB, de 22 agosto, de 2003 que propugna: “Participam da feira agroecológica os agricultores organizados que pretendem desenvolver uma prática voltada ao cultivo agroecológico e que estão de acordo com a preservação e cuidados com o meio ambiente, num processo de envolvimento de toda a família”. Esse mesmo regimento, no seu artigo 24º, parágrafo único também prevê que “Será expulso da feira todo aquele ou aquela agricultor ou agricultora que vier comercializar produtos com uso de agrotóxicos”. Esses princípios visam dar credibilidade aos produtos comercializados pelos assentados que fazem a feirinha do Bessa além de fortalecer a idéia de uma certificação participativa.

Ao final de cada feira é recolhido 5% do que é comercializado por cada camponês, ou seja, 5% do seu lucro bruto. Esse recurso é utilizado pelos assentados que participam da feira de várias formas, dentre essas destacamos: empréstimo sem juros, despesas extras, deslocamento para outras cidades a fim de participarem de reuniões e eventos ligados a agroecologia e a resolução de eventuais demandas relacionadas ao bom funcionamento da feira. O gráfico II revela os valores recolhidos do fundo de feira.

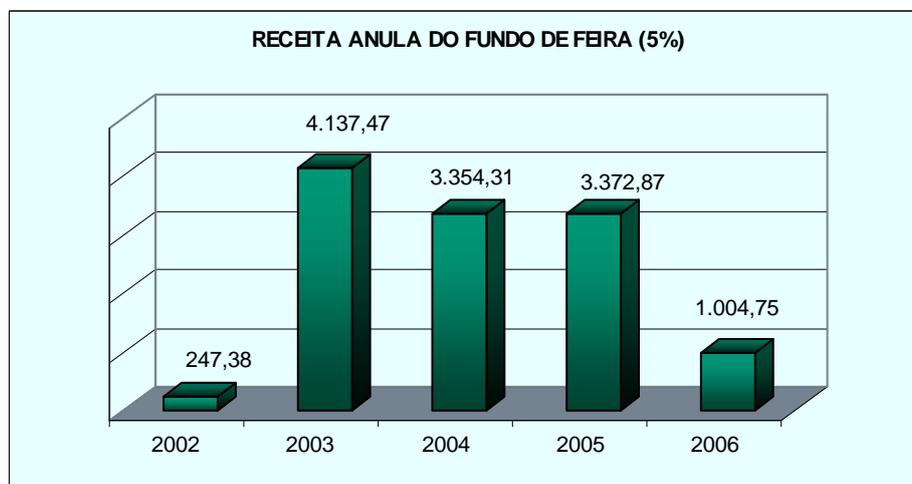


Gráfico II: Receita anual do fundo de feira. Fonte relatório técnico da CPT

Segundo Rodrigues e Lima (2005) no que se trata da feira da UFPB

Além do fundo de feira, foi criado também um fundo rotativo. O fundo de feira serve como uma poupança, usado, por exemplo, para patrocinar eventos, etc. O fundo rotativo age como um agente de empréstimo, por exemplo, na compra das barracas, das batas, etc. Assim, os agricultores da feira da UFPB pagam 7% para o fundo

rotativo e 3% para o fundo de feira, ou seja, é repassado um total de 10% do dinheiro arrecadado, por agricultor, por feira.

O gráfico III demonstra que existe um compromisso dos assentados com a freqüência de realização das feiras desde sua primeira exposição até os dias atuais, totalizando 175 feiras realizadas entre dezembro de 2002 a abril de 2005.



Gráfico III: Número de férias realizadas por ano. Fonte: Relatório técnico da CPT.

CONCLUSÃO

A partir dessa experiência, podemos constatar que a produção de alimentos agroecológicos e, a comercialização desses alimentos proporcionam um sentimento de grande satisfação entre os assentados, de um lado a possibilidade de comercializar diretamente ao consumidor e de outro a certeza de que, os envolvidos no processo não irão sobre com os males causados pela manipulação de elementos químicos.

Desse modo, a agroecologia propicia novos arranjos entre características já existentes dos camponeses e características incorporadas por eles (como novas técnicas apreendidas para melhorar a produção orgânica), num processo contínuo de recriação da coexistência entre os recursos naturais e humanos, a fim de gerar melhores relações socioeconômicas no assentamento.

Com isso se rompe a idéia de apatia do mundo rural tradicional, já que pressupõe uma continua renovação. Com a diferença que tal renovação não se constitui em fases evolutivas, nem tampouco se constrói sobre a base de intervenções meramente exógenas assentadas em idéias *a priori* sobre o que é o desenvolvimento. Propõe-se, então, a valorização de aspectos que até então estiveram fora do observável pela ciência, apoiada num processo que recobra o

protagonismo dos atores sociais implicados que assim deixariam de ser meros recipientes ignorantes e passivos do conhecimento superior ou simplesmente objeto do conhecimento científico. Um desenvolvimento que está baseado no descobrimento e na sistematização, análise e potenciação dos elementos de resistência locais frente ao processo de modernização para, através deles, desenhar, de forma participativa, estratégias de desenvolvimento definidas a partir da própria identidade local do etnoecossistema concreto em que se inserem. Mais que tudo uma estratégia de localização do desenvolvimento. (BORBA, 2004, p.171)

De acordo com Sachs (2001):

O desenvolvimento rural integrado constitui uma ferramenta privilegiada para avançar na direção apontada. A geração de empregos e auto-empregos rurais para a população que deixará de migrar para a cidade será mais fácil de se conseguir e menos dispendiosa do que a sua integração na economia urbana.

O campesinato encontra nessa iniciativa para se (re)criar e levar à sociedade o produto de um modelo de agricultura que entende a terra não como um simples recurso à serviço do capital, mas como meio para a produção de alimentos saudáveis, com melhoria de renda, calcada na solidariedade e na organização coletiva.

É na perspectiva de fortalecer a produção agroecológica e propiciar uma melhoria dos problemas vivenciados pelos camponeses na produção e na comercialização que o presente projeto firma-se como parceiro da iniciativa dos camponeses. A nossa adesão justifica-se por entendemos que as práticas agroecológicas propiciam uma nova concepção de vida, onde a preservação da natureza configura-se como o caminho para a construção de um futuro mais seguro para a humanidade. Além dos assentamentos se firmarem como unidade territorial organizada e com potencial produtivo capaz de gerar renda e emprego para quem está envolvido no processo, representando assim um *lócus* de reprodução da vida com dignidade, respeito ao próximo e ao meio ambiente.

Entendemos que essa experiência de desenvolvimento local integrado e sustentável, associado à produção orgânica e a venda direta ao consumidor final, proporciona um olhar diferenciado para terra com vistas à preservação do meio ambiente, gerando um favorável potencial sócio-econômico aos que estão envolvidos na experiência, além de refletir na qualidade de vida dos mesmos e dos freqüentadores e apoiadores dessa iniciativa.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, M.; NICHOLLS, Clara I. Teoría y práctica para una agricultura sustentable. Programa de las Naciones Unidas para el Medio Ambiente. México, 2000. Disponível em: <<http://www.agroeco.org/brasil/material/Agro01.pdf>> Acesso em: 10 de maio de 2007.

ALTIERI, M. *Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1998. 110p. (Síntese Universitária, 54).

BORBA, Marcos Flávio da Silva. Dimensão Agroecológica. In: VIA CAMPESINA DO BRASIL: o campesinato no século XXI, possibilidades e condicionantes do desenvolvimento do campesinato no Brasil. CURITIBA/BRASÍLIA, dezembro de 2004. No prelo.

FORNARI Ernani. Manual Prático de Agroecologia. São Paulo: Aquariana, 2002.

FILHO, J. P. A. Uso de Agrotóxicos no Brasil: controle social e interesses corporativos. São Paulo; Annablume. 2002.

LIMA, Aline Barbosa de. Potencialidades do Assentamento Apasa: Estratégias de Resistência e Desenvolvimento Local. Monografia de graduação – UFPB. 2005

RODRIGUES, M. de F. F., Lima, F. K. C. de. Avaliação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf - PB) e do Projeto Cooperar – PB sob a ótica dos Movimentos Sociais. Relatório de PIBIC 2007.

RODET, Jean-Claude. Agricultura Biológica: Uma opção inteligente. Venda Nova . 2004

SACHS, Ignacy. Brasil rural: da redescoberta à invenção. *Estud. av.* [online]. set./dez. 2001, vol.15, no.43 p.75-82. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142001000300008&lng=pt&nr m=iso>. ISSN 0103-4014. Acesso em: 08 de maio de 2005.